



Outros mundos da pandemia: a Amazônia marajoara (des)encantada

Alberto Teixeira da Silva

Sociólogo e professor titular aposentado pela Universidade Federal do Pará, UFPA
alberts.ufpa@gmail.com

*"Esse rio é minha rua
Minha e tua, mururé
Piso no peito da lua
Deito no chão da maré
Pois é, pois é
Eu não sou de igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escancha em puraquê" ¹*

A compreensão da realidade através de crenças e tradições foi abalada com a chegada da modernidade industrial. A racionalidade, o conhecimento científico e o pensamento crítico, se impuseram, ditando a lógica e as regras do jogo da vida contemporânea. Mas o encanto ainda persiste, de outras formas, embora tenhamos que reconhecer a força e o vigor do desencanto do mundo trazido pela globalização do capitalismo e suas crises interconectadas.

A Covid-19, como fenômeno epidemiológico transnacional, está invadindo diferentes espaços geográficos do planeta. Como ator empoderado e franco atirador, o Corona vírus frequenta, sem pompa e sem formalismos, uma gama de universos, cenários e tecidos sociais. Não se intimida diante de hierarquias e autoridades e avança desregrado sobre territórios conhecidos e populações isoladas. Essa peste é um soco no estômago, um tapa na cara do modelo civilizatório dominado pela sofisticação tecnológica e derrotado pela incapacidade de gerar sociedades mais igualitárias e sustentáveis.

Na periferia do sistema mundial, o Brasil, país de dimensões continentais, depois do frenesi do carnaval e com a guarda baixa para os surtos que não tardariam a chegar por estas bandas, foi pego pelos inescapáveis fluxos da mobilidade internacional, com os



primeiros casos de contaminação, ocorrendo, não por acaso, na zonas residenciais da alta classe média paulistana, habitadas por cidadãos diferenciados que perambulam nos aeroportos globais. Num primeiro momento, as capitais brasileiras se tornaram epicentro da doença, e passariam a comandar a dinâmica e os fluxos de espalhamento pelas áreas metropolitanas do país.

Muitos achavam que o Corona vírus perderia força quando chegasse em regiões consideradas periféricas e quentes. Essa lenda ficou no caminho. Ondas subsequentes da doença alcançariam centros urbanos do norte e nordeste. Assim aconteceu na Amazônia. Noticiários e jornais estamparam o saldo dramático de perdas humanas e debilidades dos sistemas de saúde nas duas maiores áreas metropolitanas: Manaus e Belém. A cidade de Manaus ganhou manchetes pelas imagens de forte impacto: pessoas morrendo nas filas de atendimento e nas suas casas, além de covas improvisadas em cemitérios.

A interiorização da Covid-19 trouxe à tona situações trágicas para as múltiplas Amazônia, formadas por uma imensa diversidade de culturas, tradições, rituais, formas de organização social e modelos de produção econômica. Populações indígenas, ribeirinhos, quilombolas, gente simples do meio rural, seriam as próximas vítimas da maior pandemia do século XXI. Um olhar particular descortina os dramas e sequelas de populações atingidas pela Covid-19 na parte oriental do grande bioma amazônico: O Arquipélago do Marajó, no Estado do Pará.

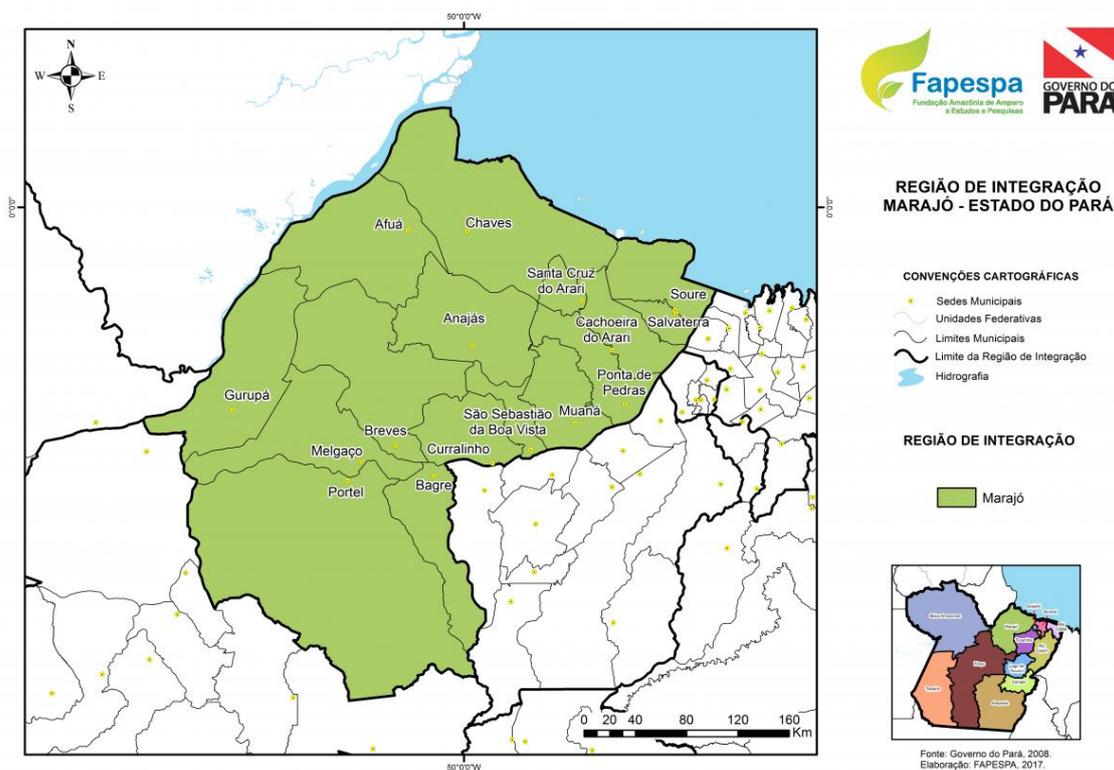
O histórico isolamento político-geográfico e distâncias espaciais, aliadas ao contexto de pobreza social e estagnação econômica, compõe o cenário caótico e crítico das populações que habitam esse arquipélago, considerado a maior porção territorial fluvial e marítima do planeta, que abriga fantásticos recantos e paisagens ecoturísticas, além de diversidades biológicas e socioculturais, consideradas chave para o desenvolvimento sustentável, através da "bioeconomia da floresta em pé" ⁽²⁾.

Vale lembrar que o Marajó responde por fatia considerável do extrativismo regional, com grande diversificação de produtos. É uma região exportadora de açaí, (energético, antioxidante e rico em ferro), recurso responsável por 23% do que é produzido no Estado do Pará, maior produtor do mundo³.

Contudo, embora exuberante e possuidor de imensas riquezas, a Amazônia marajoara, composta por 16 municípios (Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Curralinho, Gurupá, Melgaço, Muaná, Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra,



Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista e Soure), agoniza entre os municípios brasileiros com os mais baixos Indicadores de Desenvolvimento Humano (IDH)⁴.



Fonte: Governo do Pará, 2008. Elaboração: FAPESPA, 2017.

Os rios da Amazônia são veias e artérias que ligam vidas, transportam pessoas, mercadorias, sonhos, projetos e lembranças. Contudo, os deslocamentos fluviais entre as cidades amazônicas contribuíram muito para espalhar o vírus. As embarcações (barcos, canoas, rabetas e montarias) se transformam em vetores estratégicos de disseminação da Covid-19.

O crescimento urbano da Amazônia conformou uma rede de cidades, uma floresta urbanizada, que em tempos de pandemia favorece a interligação e ajuda mútua entre as cidades. Por outro lado, as mesmas embarcações mobilizam agentes de apoio, ou seja, muitas formas de organização, resistência e luta são travadas para mitigar o sofrimento de parcelas significativas da população marajoara.



A imagem de um barco-ambulância improvisado, resume as condições precárias utilizadas por agentes de saúde pública, que, incansavelmente, se dedicam a enfrentar as enfermidades no Marajó. Ao longo de sua trajetória profissional, a médica sanitária Valdenora Andrade, que há 40 anos cuida de vidas no Arquipélago do Marajó, já tratou de pacientes com cólera, sarampo, H1N1 e, agora, luta contra o mais grave problema na saúde pública do Brasil: a pandemia do novo Corona vírus.



Fonte: Jornal O Liberal, foto Tarso Sarraf

Exatamente no dia 14 de abril, foi registrado no município de Afuá, o primeiro caso de Covid-19 no Marajó. Desde então, esta região tem sido fortemente atingida pela



doença, que se expande graças às fragilidades institucionais (falta de apoio governamental nas diferentes esferas), bem como, os fatores endógenos de vulnerabilidade social e de precariedade dos sistemas e equipamentos de saúde. O Arquipélago do Marajó, desgraçadamente apartado do desenvolvimento local, regional e nacional, segue uma triste saga de sofrimento e abandono. A pandemia chegou e expôs as terríveis mazelas de um lugar, ainda encantado, mas invisível e distante.

Notas

1. Trecho da música "Esse rio é minha rua", dos paraenses Paulo André e Ruy Barata.
2. O avanço dos desmatamentos e queimadas na Amazônia, tem provocado reações de diversos atores nacionais e internacionais, sobretudo empresas e bancos.
3. Ver VIEIRA, Ilma Célia Guimarães et al., **Panorama da Covid-19 nos municípios do Marajó, Pará.** (Nota técnica 01). Belém: Museu Goeldi, 04/06/2020. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/nota-tecnica-panorama-da-covid-19-nos-municipios-do-marajo>
4. Na lista mais recente dos IDHs municipais realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), em 2013, o município de Melgaço aparecia com o mais mal avaliado do Brasil.